

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

O *National* ficou fóra de si com a demissão do ultimo gabinete! diz muito afoito, que foi o triumpho da realza constitucional. Coitado do contemporaneo! Para que houvesse triumpho era preciso, que tivesse havido combate; e nem o ministerio transacto, nem nem-um d'aquelles, que o apoiaram, negou nunca ao monarcha o direito de dissolver-se ministerios. Nunca. A facção sim lhe quiz negar esse direito, assim como o de livremente os nomear, e as autoridades subalternas: e para fazer vingar esse principio não teve duvida chamar ás armas, iludindo os homens pacíficos, que em suas casas se achavam; não teve duvida proclamar o direito da resistencia armada, alçar a voz da rebellião, e combater no campo da batalha, aseolando nada menos de duas provincias.

Então sim: então houve triumpho da realza constitucional: foi na Venda Grande e Santa Luzia, que ella triumphou; mas em 31 de janeiro ultimo qual foi o combate?

O ministerio transacto nunca duvidou da prerogativa do monarcha de dissolver ministerios: sempre o reconheceu e respeitou; e duvida nem-uma teria em deixar o posto, logo que pelo monarcha isso lhe fosse ordenado. Mas tome o contemporaneo sentido, que S. M. não demittiu o gabinete: o gabinete pediu a sua demissão: e como é certo, que S. M. lh'a não podia negar, porque é o unico emprego da nação, que ninguem póde ser obrigado a servir, por isso, a respeito de triumphos ou não triumphos, as cousas estão no pé em que estavam.

O contemporaneo enganou-se tanto, no que diase, que asseverou, que o gabinete transacto não reconhecia no imperador o direito de dissolver o ministerio, quando até reconheceu em S. M. o direito de se negar a uma medida puramente administrativa. O ministerio é o agente responsavel pelas faltas, que apparecerem no governo da nação: o ministerio não póde pois ser obrigado a conservar um empregado, em quem não deposita sua confiança, quando a lei poz esse empregado á sua disposição. E todavia o gabinete transacto propoz a demissão de um empregado desses; S. M. não quiz annuir: o ministerio curvou a cabeça em respeito á decisão imperial, e retirou-se. Prouvera a Deos, que este exemplo fosse imitado por todos os ministerios do Brasil!

O dia 31 de janeiro não foi um triumpho para a realza constitucional: foi sim um triumpho para o systema constitucional: nesse dia se viu curvar a cabeça e obede-

cer respeitossamente um gabinete, que podia conservar-se no poder, obtendo os mesmos fins, não pela resistencia, que seria sempre illegal, mas por outros meios. O gabinete tendo propozto a demissão do Sr. Saturnino, e não tendo obtido o assenso de S. M., podia fazel-o responsabilisar por tantas accusações, que ahi lhe tem sido feitas, sobre tudo pela sua administração do Rio Grande: e assim conseguia mais, que com a sua demissão. Mas assim procederia o gabinete de julho, ou qualquer outro, cujo fim fosse perseguir o Sr. Saturnino, e conservar-se no poder: porém o ministerio de janeiro, que só procurava conservar-se ministerio, e não no ministerio, isto é, só procurava não ter alguém, que se lhe reputasse superior além do monarcha, propoz a demissão do seu inferior: o monarcha a não aceitou, o gabinete não procurou subterfugios; immediatamente, que teve decisão definitiva, pediu e obteve a sua demissão. Foi pois um triumpho do systema constitucional: já porque os ministros não quizeram conservar-se no poder, logo que o monarcha não estava com elles de perfeitissimo accordo, já porque o monarcha aceitando logo a demissão, reconhece que não podia mais subsistir um gabinete, a quem elle recusava a demissão de um empregado.

Caberia perguntar neste logar, quanto tempo durará o prazer do contemporaneo? Cuida elle, que o Sr. José Carlos fará liga com a sua patriótica sucia? Para prova de que a não hade fazer, basta olhar para as pessoas, que elle primeiro procurou para organizar o gabinete. E cremos ainda firmemente, que os mesmos individuos, com que depois organizou, tudo terão, mas Santos Luzias não são. A experiencia o mostrará. E verificado que seja, ainda o dia 31 de janeiro será dia de triumpho? Crêmos firmemente, que o contemporaneo não ficará satisfeito tanto tempo, como esteve depois de julho de 1840.

### CAUSAS DA DEMISSÃO.

A demissão do ministerio de janeiro, admirou geralmente, e cada um procurou conhecer as causas, que a poderam produzir; porque tinha-lhe o monarcha dado sobejas provas de confiança, e ninguem podia presumir, que cousa tão pequena como era a demissão de um empregado subalterno, e de mera confiança ministerial, trouxesse consigo tão graves consequencias. Cada qual tem feito seus juizos sobre essas causas, e por isso não será de estranhar, que tambem aventuremos o nosso.

Que aqui na córte do Rio de Janeiro existe um pequeno grupo, cujos individuos, com quanto no paço se

apresentem cordeiros humildes, todavia, fóra são mais que leões, é o que a ninguém é desconhecido. Esses individuos, a que o povo tem alcunhado com o titulo de Joanna, procura por todos os modos ao seu alcance, captar a benevolencia do monarcha, insinuando-se em seu animo, a fim de obter delle as concessões, que necessita para chegar a seus fins, e depois se ostentar superior ao mesmo monarcha. E o monarcha, a quem sobram illustração e amor do paiz, a quem sobra religiosidade para cumprir suas promessas, mas a quem falta talvez a experiencia precisa para conhecer o lobo, que coberto com a pelle de carneiro se quer introduzir no rebanho, o monarcha é illudido, e se deixa levar por conselhos as mais das vezes filhos de miseravel egoismo e mesquinho interesse. A prova, de que essa gente não tem o mais pequeno respeito á vontade do monarcha, quando ella vai de encontro a seus interesses, é o que por esta folha publicamos ter acontecido com a grão-cruz de S. Januario usurpada pelo Sr. Paulo Barbosa. Lembra-dos estarão nossos leitores, do que a esse respeito lhes dissemos; que, ordenando S. M., que uma grão-cruz das que S. M. o rei de Napoles poz á sua disposição, fosse conferida ao marquez mordomo mór, e por seu fallecimento, mandando que recabhesse no Sr. Verna Magalhães, essa grão-cruz appareceu conferida ao Sr. Paula Barbosa, e o Sr. Lisboa interrogado a respeito, defendeu-se com uma carta particular do Sr. Aureliano, em que assim se lhe ordenava: vindo assim a ser a vontade deste Sr., superior á do Imperador.

O Sr. Saturnino tinha trabalhado muito por sua demissão, já porque tinha publicado um escripto em opposição ao gabinete, já porque tinha procurado o apoio da facção desorganizadora do paiz, para entrar na lista triplíce. O ministerio tinha visto no primeiro ataque do Sr. Saturnino, apenas uma leviandade, uma inconsideração: sabia como todos sabem, que esse Sr. gosta de apparecer, e a esse seu desejo attribuiu o impresso do inspector da alfandega: attribuiu-lhe a mesma origem, que tivera o celebre *Bosquejo sobre o Rio Grande*, em que o Sr. Saturnino julgou de facto e de direito sobre todos os acontecimentos preteritos, presentes e futuros da campanha do Sul.

Andou mal o ministerio; poupou o Sr. Saturnino, que nesse folheto não fez mais, que iniciar a sua guerra, e cuja origem deverá ser, entendemos nós, attribuida á mesma causa, que agora veio produzir a demissão do ministerio. O Sr. Saturnino ou fuisse autor ou instrumento, nessa occasião serviu aos inglezes, como agora acaba de servir aos inglezes.

Os inglezes hostilizam-nos por todos os modos, que podem: a cessação do tratado é para elles golpe muito sensível; procuram o evital-o. E como o conseguirão? Primeiramente fazendo liga com a potencia Joanna, potencia fóra dos muros de palacio, lá dentro *serca humilina*: e assim vemos ligados o Sr. Paulo Barbosa, o Sr. Aureliano, o Sr. Lopes Gama. Depois hostilizando os seus inimigos, isto é, aquelles, que preferem o bem do Brasil ao bem dos inglezes. O gabinete que mais trabalhou neste sentido, foi sem duvida o de janeiro, que não se recusou a tratar com os inglezes, mas que o quiz fazer com interesse e honra do Brasil. O mez de novembro se aproxima: era preciso apressar. E ultimamente elevando ao ministerio os seus fautores apoiados nos seus amigos. E assim vemos encarregado de uma pasta o Sr. Alves

Branco, autor dos artigos addicionaes ao tratado de 1826, e aquelle mesmo, que deixou de executar uma lei, sendo ministro, a pretexto de que ia ferir os interesses inglezes.

Em nosso entender pois, a demissão do ministerio de janeiro, deve ser attribuida a uma liga da Joanna com os inglezes, sendo aquella instrumento destes.

O fim por certo dessa liga, não era que ao ministerio de janeiro succedesse outro, organizado pelo Sr. visconde de Monte Alegre, ou pelo Sr. Almeida Torres, porque mesmo neste Sr. não supomos o mais pequeno desejo de favorecer interesses inglezes: mas tramando a queda do gabinete de janeiro, não era possível apresentar o novo gabinete, ou quem de sua organização se encarregasse: era romper muito o véo do misterio; era descobrir muito o laço, e S. M. não cahiria então nelle: uma parte da obra foi pois feita, a outra deixou-se ao acaso: porque tambem na occasião em que nos achamos, era difficil encontrar quem se encarregasse da organização ministerial, e os amigos não teriam duvida fazel-o logo, que lhes fosse isso proposto; e mesmo quando assim não acontecesse, de presumir era, que algum fosse chamado, como com effeito foi o Sr. Alves Branco, e assim ficavam satisfeitas as necessidades de momento. Era mesmo de presumir, que a organização fosse encarregada ao Sr. Saturnino, e então estavam os homens, como queriam.

Quanto á nós, são estas as causas, que deram com o ministerio em terra: os inglezes porque lhes elle não convinha: a Joanna porque quer parecer soberana, e neste negocio quiz servir os seus amigos.

E o Sr. Saturnino foi o pretexto. Que importava ao Sr. Saturnino ser ou não inspector da alfandega? cedo voltaria á esse ou á outro emprego. Que importava isso á Joanna? Mas está prevendo, o que tinha de acontecer, obteve de S. M. a promessa da conservação do inspector da alfandega, que descreveu objecto de perseguição. E depois de obtida a promessa, e conhecendo a religiosidade do monarcha, desafiou então ás claras pela imprensa o gabinete: o gabinete não podia conservar-se inerte: propoz a demissão do Sr. Saturnino, que S. M. não creitou, quanto a nós, em religioso cumprimento de sua palavra extorquida com falsidades.

S. M. assignou decretos de demissão para muitos empregados de maior cathogoria, de mais serviços, e pelo menos da mesma illustração, que o Sr. Saturnino: porque não accedeu a essa? S. M. pôde ter muito boas razões para não admitir uma nomeação, que lhe seja proposta pelo ministerio; mas para uma demissão nunca, a menos que não queira logo demittir o gabinete. E S. M. tem muita illustração para que não conheça isto. E por ventura podia S. M. pôr em paralelo um gabinete com um homem, que não foi capaz nem ao menos de entrar, para o que o substituiu, quanto mais de organizar outro?

Mas, os inglezes e a Joanna com quanto obtivessem a demissão do ministerio, e a entrada do Sr. Alves Branco para o novo gabinete, nem por isso nos parece, que obtiveram o que desejaram. Esse mesmo ministro deve ter cabido em si; e tem collegas, em quem não supomos desejo de nos sacrificar ao estrangeiro, e menos, que a todos aos soberbos filhos de Albion. Temos ainda esperanças no Sr. Almeida Torres.

**NEGOCIOS DE MONTEVIDÉO.**

Quando tudo annunciava, que os negocios de Montevideo iam ter um proximo desfecho, novas complicações surgem, que podem por mais tempo conservar as cousas no estado, em que se acham. Alguns inglezes tinham uma porção de coiros, que queriam exportar, mas em consequencia do bloqueio não o podiam fazer. O consul inglez dirige-se a Oribe a pedir-lhe faculdade para lhe deixar sahir os coiros; Oribe não lhe dá a faculdade; em consequencia disso o almirante Purvis declara suspenso o bloqueio. Quaes serão as consequencias deste facto? necessariamente hão de ser gravissimas.

Verá Rosas a sangue frio este proceder dos inglezes? parece, que o não fará. Os inglezes não tem razão, por que elles mesmos reconheceram o bloqueio; e depois de reconhecido, obrigação tinham de respeitá-lo. Rosas, que se não tem dobrado a pessoa alguma, não se dobrará a esta sem razão. Os argentinos talvez se lembrem ainda do que fizeram aos inglezes em outro tempo, e essa recordação os animará muito provavelmente a não supportarem hoje o jugo inglez; que jugo será reconhecer o bloqueio quando convem; e quando não convem, não o reconhecer. E se Rosas supportar esta exigencia dos inglezes não mostrará fraqueza? Rosas, que não cede mesmo não tendo em seu favor a razão, não pôde ceder desta vez.

E não cedendo, o que fará? Os inglezes residentes em Buenos-Ayres ou as suas propriedades lh'o pagarão. E os inglezes o supportarão? Se fossem os francezes, tinhamos uma quasi certeza, que sim; mas nos inglezes temos uma quasi certeza, que não: seu interesse os hade decidir: as operações do governo inglez e seus agentes consiste sempre em um calculo de lucros e perdas. Se esperar lucro, o governo inglez de certo tomará o caso em ponto grosso; mas se não esperar lucro; então de certo deixará passar carros e carretas.

Mas se com effeito o governo inglez se não entender com o de Rosas, quaes serão os resultados? O bloqueio continuará suspenso, e por consequencia estão acabadas as esperanças de reduzir Montevideo pela fome. Provavelmente hostilidades se declararão entre a Inglaterra e Buenos-Ayres, e então Fructo terá um poderoso auxiliar.

A causa de Fructo ainda não está perdida: esse homem ainda tem muitos recursos dado mesmo, que perca a capital, ficará na campanha, e por muitos annos ali se sustentará a menos, que algum accidente extraordinario o não desarme. A Inglaterra pois o terá sempre, que delle queira lançar mão.

Uma luta hoje entre Buenos-Ayres e a Inglaterra, talvez seja funesta á Buenos-Ayres: nem sirva de aresto o que em outro tempo se passou, porque as circumstancias tem variado muito; nem o que se passou com os francezes, porque os inglezes tem mais animo para gastar; e alguns centos de mil libras, espalhados na campanha, podem produzir effeitos imprevistos. E os inglezes estarão promptos a gastal-os, porque a esse respeito são muito mais francos, que os francezes.

O que porém é muito notavel, é que os inglezes declararam suspenso o bloqueio justamente quando os francezes dão ordem a seus compatriotas para abandonar o serviço de Montevideo, em que voluntariamente se tem alistado. Haveria nisto algum proposito deliberado, ou seria acaso? Os inglezes, ha algum tempo, tem tratado de provocar os

francezes, o duque de Bordéos está em Inglaterra, a Inglaterra talvez julgue, que lhe seja conveniente uma guerra estranha.

Mas no fim de tudo, que vantagens podem d'ahi resultar ao Brasil? cuidamos, que nem-umas. Em nosso entender, talvez que parte de nossos incommodos no sul tenham provindo dos inglezes: o tratado com o Brasil lhes é necessario; e a recepção feita ao plenipotenciario Ellis não lhes pôde ter esquecido: porém a sua mudança de politica no sul não nos favorece mais, porque favorece a Fructo, mas Fructo não nos favorece: pelo contrario favorece quanto pôde aos rebeldes do Rio Grande. Todo o favor feito a Fructo é favor feito aos rebeldes. Nossa sorte pois não melhoraria. E o que peor é, hade levar muito tempo, para que tenhamos a esperanza, de que possa melhorar: (fallamos quanto á ciaplatina) ou governe em Montevideo Fructo, ou governe Oribe, o resultado é sempre o mesmo. Nossa esperanza reside em paz interna, e em uma boa guarnição na provincia do Rio Grande: se podermos conseguir obter estas duas cousas, governe Montevideo quem quizer.

**ALEGRIAS DO -- PHAROL.**

O amigo *Pharol*, o polido contemporaneo, que combate seus adversarios chamando-os moleques e cachorros: está muito contentinho da sua vida: tem um amigo intimo no ministerio, e por isso é de agora em diante ministerial. E que dirá elle agora dos ministeriaes? ainda serão vendidos e comprados, da policia, e lá do que lhe lembra? Como tão de pressa se mudaram as scenas! Como temos nós agora o direito de dizer delle, tudo o que elle disse de nós! Mas coitado! deixal-o viver. Que o comprem, deseja elle; mas é fazenda de tal sorte, que não acha preço.

Notamos porém na confissão do *Pharol* uma singularidade; o contemporaneo passa a ser ministerial, por que tem um amigo no ministerio! não é porque os principios desse amigo coincidem com os seus, não é porque suppõe, que os principios desse amigo são capazes de fazer o bem do paiz: é só porque um seu amigo é ministro. O outro dizia — *amigo de Platão, porém mais amigo da verdade.* — O contemporaneo diz — *amigo da verdade, porém mais amigo de Platão.* — E viva o contemporaneo! viva o sempre polido *Pharol*.

Que epithetos nos dará elle no seu proximo numero!

**O SR. PEDRO CHAVES.**

Este honrado e illustrado empregado, tem sido ultimamente victima de muitos ataques pela imprensa. A facção bem sabe de quem tem medo: vê proximo o dia, em que o nobre deputado pela Parahiba poderá outra vez fazer cahir a espada da lei sobre os perturbadores da ordem publica. Continue a facção, que assim fará mais popular o nome desse illustre cidadão.

**SENADOR PELA BAHIA.**

Corre, que o senador pela Bahia, nem será o Sr. Paim, como se presumia no tempo do gabinete transacto, nem será o Sr. Galvão, que se espalhou seria, depois da organização do actual gabinete. Diz-se agora, que será o Sr. Cornelio Ferreira França; e que para poder entrar em lista, será annullado um collegio eleitoral, em que houve algumas irregularidades.

## VARIETÉES.

### O BANQUETE DO CEMITERIO.

(Continuação do numero antecedente).

#### VIII.

O rei dos salteadores está á mesa: Bernardina está a seu lado: os vinhos andam em roda.

Bem depressa os convidados, inteiramente embrutecidos pela embriaguez, se entregam a todos os seus excessos. Espesso fumo de hervas queimadas, carvões ardentes, halitos felidos envolviam o cemiterio; e do meio dessa especie de nuvem infernal, partiam terriveis blasfemias. Exclamações estupidas respondiam a injurias apostrophas. Aqui beijos, ali gritos, mais adiante rangido de dentes. Immundos gaguejamentos tentavam canticos obscenos. As prostitutas do campo, batiam nas mãos com furor, como as bacchantes da Tracia, quando vestidas de pelles de tigras, faziam pedaços os membros de Orfeo. Ali as voluptuosidades do abysmo sob a maldição dos céos se desenvolviam no seio das trevas; acolá sobre os troncos da morte o crime com todas as suas pompas, urrava os prazeres do sacrilegio.

Uma voz rouca refreia: era a de *Mão de bronze*.

— Luz, camaradas! tudo está escuro em roda de nós. Vêde este fumo fazendo uma abobada: parece guela de lobo.

— O' lá! ladrão de cantoneiras! respondeu um pagem d'armas do príncipe, nem temos tochas nem archotes.

— Está bebado este sendeiro! Não vês acolá uma igreja? arromba-se, compadre, entra-se, e tiram-se as tochas.

— Bem dito, gritou Eudes. Limpem os altares; os santos vêem muito bem sem luz. Quanto a mim, diante de Bernardina, quero o cyrio paschal.

Depois inclinado para a moça, continúa meio bebado:

— E's tão bella! querida menina. Quero, que alumiem tuas feições.

E abraçava-a.

Mas Bernardina repelle-o. Está pallida e gelada. Seus cabellos se arrepiaram em sua cabeça; sua alma está cheia de susto.

— O' senhor! lhe respondeu ella: que fazeis? ..

E' monstruoso. A morte! um banquete! e tochas, .. Não ouvís os trovões? O céu está em fogo, o ar soffoca. O terror faz estalar meus membros. Olhai para esta sepultura á direita! .. Não vâdes uma mortalha? .. Os ossos sahiram de suas covas. Ah! não advereis meu rosto: já não sou bella, meu príncipe. Oh! por piedade! luz não: serrei horrivel!

Mas o tyranno dá gargalhadas.

— Pobre pequena! tem escrupulos. Como escolheu bem o momento.

Depois voltando-se para os seus bandidos, continúa com vehemencia:

— Alerta, meus queridos camaradas! alumiemos por todos os modos. A' baixo as cruzes e as igrejas.

Os heróes da traição fallavam assim no seculo II.

#### IX.

As portas da igreja foram arrancadas de seus coices, e os bandidos penetraram no sanctuario. Eudes se dirige á Bernardina,

— Onde está o nosso cyrio paschal?

A moça põe as mãos: sua voz é soffocada por soluços,

— Meu Deos! que hade ser? onde estou eu?

— Ella crê em Deos! clama uma desavergonhada prostituta. Então, que faz aqui? Aqui não é o logar das santas. Um campo não é claustro, freirinha!

Um trovão responde, o vento assobia, e a tempestade se aproxima.

Bernardina fria como a pedra do seu banco, fez o signal da cruz. Novas gargalhadas em roda della.

— O' lá bella! disse Hugo, o teu Deos falla: tem a voz rouca. Porque não cahes de joelhos? tens medo? vamos um — *me confesso*.

— Quanto a mim, balbucia o príncipe, se fosse preciso ajoelhar-me sobre todos os tumulos, que tenho aberto, meus joelhos depressa ficariam gastos. Ora vamos, Srs. das covas! bebei com nosco sem rancor. A' saude das profundidades eternas! *De profundis!* e viva o vinho.

#### X.

Os salteadores sabem do templo: levam todas as tochas; e tendo-as acendido á pressa, voltam em procissão, parodiando as ceremonias da igreja. O cyrio paschal caminha na frente.

Bernardina soltou longo gemido, ao aspecto do cyrio bento, que Hugo punha diante della. Seus gestos pintaram seu terror. Recua.

— Malditos! para longe! mais longe! gritava. Terrivel banquete! sinistras luzes! é o banquete dos condemnados!

As numerosas velas da casa do Senhor, ardem em roda das comidas. Os copos se enchem de vinho: e o furacão muge pelos campos.

#### XI.

— Sigana, disse *Mão de bronze* a uma bohemia hespanhola, alistada entre as prostitutas, não tens a tua viola? canta. Tua voz argentea e magica conjurará o espirito das tempestades. Sarracena! uma aria africana.

A filha dos mouros obedece. Sons voluptuosos se fazem ouvir; e o trovão os acompanha. Era um concerto selvagem, em que a harmonia lasciva das paixões terrestres, tinha por acompanhamento nos ares o ruído surdo das vinganças divinas. Inaudito nevoeiro, nevoeiro de vertigens envolvia os assistentes. A razão humana tinha fugido. Ali só havia vivo a brutal animalidade. Os bandidos e seu chefe cahidos em uma especie de somnambulismo moral cuidavam ver andar em roda de si igreja, arbustos e tumulos, como um circulo de feiticeiros. Fallavam sem ser ouvidos, e agitavam-se sem se mover. Parecia-lhes, que apesar de seus esforços arrastados para um abysmo sem fundo, o vacuo atrahidor estava preste a arrebatá-los. Nem um delles ousava nessa lugubre orgia dos sentidos, precipitar-se do sonho em foras. Era como uma prova do tumulo: dir-se-ia que era um brinco da morte.

E a sigana cantava ainda.

Rápido e ardente raio sulcou o firmamento. O vento redomoinha no espaço. Os céos do campo uivaram. Reptis immundos, com seus venenosos dardos dando agudos assobios ao longo dos muros, calcam com violencia as crescidas hervas; e no campanario teniu o sino funebre.

Ao clarão dos relampagos, as inscrições dos marmores sagrados, brilharam nas trevas: a igreja como fantasma negro pareceu subir para as nuvens. A cruz do monumento cresceu. As santas estatuas balançam. A tempestade é sulfurosa e secca. A terra treme. .. Ali está Deos!

E a sigana cantava sempre.

*Continúa.*